

O conceito “uma só saúde” na cultura e na memória

The concept of “one health” in culture and memory

Le concept de “une seule santé” dans la culture et la mémoire

Paula Fortunato¹, Michael Goldblatt²

(1) Jornalista e editora assistente dos ANAIS do IHMT.

(2) Advogado e fotógrafo.

Michael Goldblatt começou a fotografar quando ainda frequentava os bancos da escola. Mas demorou algum tempo até abraçar essa paixão como atividade principal: até 1984 foi advogado. Na década seguinte, numa profunda mudança, começou a dar aulas de fotografia e tornou-se fotógrafo oficial de uma ONG, do Alexandra Health Center e da University Clinic, em Joanesburgo. Nesta edição, Michael Goldblatt selecionou algumas fotografias, a convite dos ANAIS do IHMT, e comentou-as, sob o ponto de vista da interação das pessoas com o ambiente, sob o conceito de “uma só saúde” partilhando conosco o registo feito pela objetiva do viajante atento e preocupado com a forma como tratamos o planeta que partilhamos com os outros seres vivos.

Revisitamos, através do olhar do fotógrafo, mas também das suas palavras, diferentes formas de interação entre as pessoas e o ambiente que as rodeia. São imagens-testemunho de uma consciência ambiental e de uma memória cultural viva, construída ao longo de décadas de viagens, observação de pessoas e registo de histórias. A seleção de imagens apresentada reflete uma preocupação persistente com a forma como o ser humano se relaciona com o espaço que habita. Como o próprio Michael Goldblatt afirma, “esta relação entre as pessoas e o ambiente é uma das questões mais prementes que enfrentamos hoje – as guerras e a política são distrações que nos impedem de enfrentar ou tomar medidas em relação às alterações climáticas”.

A sua paixão pela fotografia surge, desde cedo, como forma de compreender e documentar o comportamento humano que tanto o fascina como o deixa negativamente perplexo: “As pessoas e o mundo em que vivemos fascinam-me. Mas fico horrorizado com a forma como estamos a causar danos ao ambiente”.

E é através da câmara – ontem grande e pesada, hoje leve e extremamente portátil – que se mantém atento a estas interações. “A minha câmara foi, e continua a ser, o meu brinquedo preferido, permitindo-me passar anos a documentar o comportamento humano. Desde que me lembro, sempre andei com uma grande mochila com as lentes da minha máquina fotográfica. Agora, claro, levo a minha câmara no bolso – é a parte mais importante do meu telemóvel.” Cada fotografia é, assim, um registo de lugares visitados, mas também das experiências pessoais onde o “eu” se encontra com o “nós”.



Figura 1: Michael Goldblatt, em junho 2019, na inauguração de uma exposição de fotografia sobre algumas mulheres do IHMT. Créditos: Fotografia do arquivo da IHMT-NOVA



Figura 2: A força da rebentação das ondas sempre encantou Michael Goldblatt

O mar como património afetivo

“Adoro o mar – e quanto mais turbulento estiver, mais gosto.” Assim começa o relato de uma ligação emocional com origem nas falésias de Gonubie Mouth, na costa da África do Sul onde, em criança, Michael Goldblatt assistia encantado ao movimento das ondas a rebentar nas rochas. Décadas depois, continua a gostar de regressar ao mesmo cenário. “Recordo como me sentava, em pequeno, na falésia com vista para o estuário na aldeia de Gonubie Mouth, perto de East London, na província do Cabo Oriental, na África do Sul. O meu espetáculo favorito sempre foram as ondas gigantes a rebentar contra as rochas. Quase 80 anos depois, continuo a passar horas a observar o mar. Mas agora tenho a vantagem de poder fotografá-lo sempre que me apetece, com a câmara do meu telemóvel. Antigamente, limitava-me a ficar a ver as ondas a rebentar e sentia pena de mim próprio quando não tinha a câmara fotográfica comigo”.

São imagens e recordações intrinsecamente ligadas à figura da sua avó, Bertha Shapiro, que vivia nessa aldeia costeira e que visitava em todas as férias escolares, até aos 13 anos: “O meu pai ficava em Bloemfontein a tomar conta do negócio, enquanto a minha mãe enfiava o meu irmão mais novo, Ron, e eu no carro, muitas vezes com um ou dois dos nossos muitos cães, e fazíamos a longa viagem até Gonubie”. Durante esse trajeto, as crianças interagiam com a

natureza rural e vivam aventuras que recorda até hoje. “À medida que nos aproximávamos da costa, a estrada atravessava muitas quintas com portões pesados. Por isso, de vez em quando, a minha mãe parava o carro e eu ou o Ron tínhamos que sair para abrir o portão. Depois esperávamos que o carro passasse e voltávamos a fechá-lo. Às vezes, era uma experiência bastante assustadora para rapazes da cidade como nós, porque havia gado a circular e os touros resfolegavam e arranhavam o chão, enquanto os cães no carro ladravam descontroladamente”.

Estas memórias, aguçadas pelas fotografias agora partilhadas, trazem também sabores que atravessaram os anos. “Ao aproximarmos-nos de East London, atravessávamos quintas de fruta e, quando era época, conduzíamos quilómetros por entre campos de ananás, desejosos de apanhar e comer alguns dos mais maduros. Pensando bem, percebo que é daí que vem o meu gosto por ananás”, reflete Michael Goldblatt. Infelizmente, com o declínio da saúde da avó, a casa de Gonubie foi vendida, marcando o fim de uma era. “Apesar dos protestos da minha avó e dos choros meus e do meu irmão, abandonámos Gonubie Mouth e as férias maravilhosas na praia chegaram ao fim”. No entanto, foram experiências que moldaram para sempre a sua forte conexão afetiva ao mar e que justificam que continue a fotografar o movimento hipnótico das ondas a rebentar contra as rochas. Um mar que devolve sempre à memória a presença da avó



Figura 3: Casal ao sol em Cascais

Bertha que viveu junto da família até morrer com a respeitável idade de 94 anos. Um mar que, quando bem utilizado, é sustento e energia, mas que também pode ser destruição, inundações, etc.

Na praia de Cascais, um casal diverte-se num areal aparentemente muito limpo. Mas a imagem encerra uma mensagem subtil: aquele que é “um recreio para os humanos” é, simultaneamente, “um espaço onde a população animal diminui”. “O número de gaivotas parece reduzir-se a cada ano”, lamenta o observador. Neste ponto de encontro entre lazer, turismo e natureza, esta fotografia regista tanto a alegria da presença humana, como a ausência crescente das outras espécies, revelando os efeitos negativos da pressão urbana na gestão do espaço natural.

Com a pressão das comunidades locais para obter o seu sustento vital a forçar transformações ao equilíbrio ecológico de forma insustentável, Michael Goldblatt lamenta ver “áreas florestadas a serem dizimadas porque as populações locais cortam as árvores para produzir carvão vegetal”. Mas compreende que a vida é cheia de complexidade e gerir famílias numerosas pode trazer grandes desafios, como nos explica, numa nova partilha pessoal de experiências que se entrelaçam com as imagens imortalizadas nas suas fotografias. “Eu e a

Adele tivemos cinco filhos. Manter uma casa para cinco crianças e garantir-lhes educação tem custos elevados”, situação que se agravava nas férias escolares, “em que tínhamos de os entreter e levar a passear, um dos aspetos mais dispendiosos”. Rapidamente percebemos que fazer férias em hotéis de praia em Durban ou na Cidade do Cabo não era uma boa ideia. Assim, nos anos 80, comprámos uma das primeiras Volkswagen Combi de 3 litros a chegar ao mercado”. Batizaram-na carinhosamente de “Sharkie”. “Não só era uma viatura enorme e cor de laranja que acomodava facilmente a Adele e a mim à frente, com os cinco miúdos nos bancos de trás, como ainda tinha bastante espaço para a nossa bagagem. Virei o banco dianteiro da parte traseira completamente para trás e desloquei-o para a frente, encostando-o aos bancos da frente, de forma que os dois bancos traseiros ficassem virados um para o outro, permitindo que os cinco filhos se sentassem, conversassem e jogassem entre si. Ao longo dos anos, percorremos cerca de quinhentos mil quilómetros na Sharkie”, conta e antevemos o sorriso com que o faz.

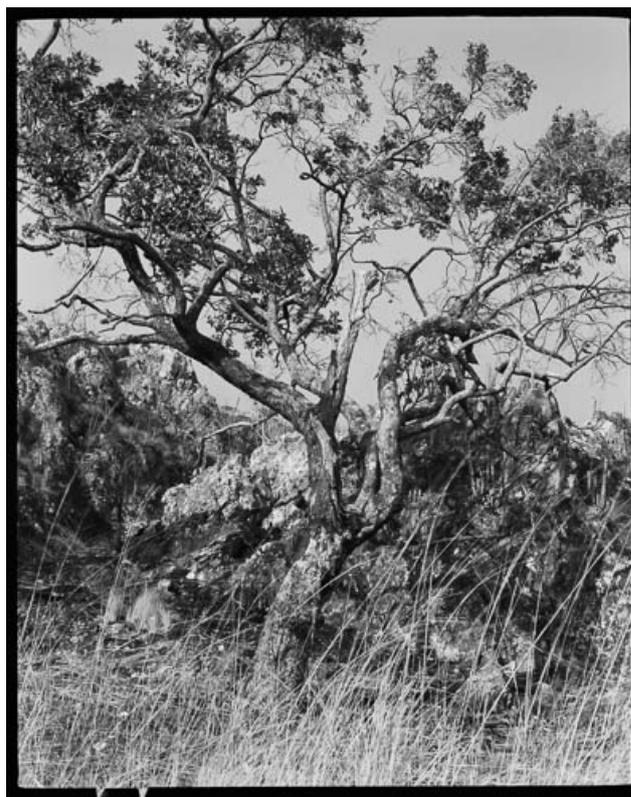


Figura 4: Árvores selvagens a crescer entre as enormes rochas

As árvores, o papel e o fogo: a tragédia anunciada

“Em todo o mundo, o ambiente está a ser devastado por incêndios florestais.” Esta constatação ganha um

tom pessoal quando o Michael Goldblatt recorda ter sido apanhado num fogo florestal em Branca, no distrito de Aveiro. As imagens e memórias mostram como as chamas alastraram com violência, “alimentadas pelas florestas de eucaliptos plantadas para sustentar a produção comercial de papel que usamos no dia a dia.” Mas, noutros pontos do planeta, há outros registos fotográficos de chamas descontroladas a consumir as florestas e a pôr em risco as vidas humanas, a vida animal e todo o equilíbrio ambiental. Estas fotografias não são apenas denúncia. São também um apelo à responsabilidade partilhada, ao reconhecimento de que o consumismo tem impacto concreto no ecossistema.



Figura 5: Fogos em Hout Bay, Cabo Ocidental, África do Sul

Olhar, registar, recordar, denunciar, agir

Este artigo demonstra como a arte, neste caso a fotografia, pode ser simultaneamente expressão artística, memória afetiva e ferramenta de consciencialização ecológica. Ao cruzar o olhar atento do fotógrafo com as suas histórias familiares pessoais, percebemos que tudo está interligado. Saúde humana, animal e ambiental entrelaçam-se num convívio nem sempre equilibrado, transformando-se. E a câmara fotográfica – analógica

ou digital – torna-se um instrumento essencial para combater a indiferença. Para denunciar e sensibilizar. Mas também para nos trazer beleza, ligação e sentido, neste olhar partilhado entre o fotógrafo e quem contempla as fotografias.



Figura 6: Fogos em Branca, Aveiro, Portugal